

## **DE DEUSAS E MUSAS LITERÁRIAS GRECAS E ROMANAS ÀS BRUXAS: COMO A MULHER PASSOU A SER CONSIDERADA UM SER DIABÓLICO NO MEDIEVO.**

**Cícera Leyllyany Müller**

(Graduada em História/Faculdade Saberes)

**Resumo:** Pretendemos aqui, mostrar quais foram as personagens da mitologia e literatura greco-romana que mais influenciaram para a construção do estereótipo de bruxa no medievo e qual foi o ponto crucial para tornar deusas e figuras poéticas em bruxas. Muitas vezes, essas mulheres eram o retrato de tudo aquilo que o homem mais temiam. Eram figuras femininas que não se deixavam subjugar pelos valores da sociedade local, ou eram amores não correspondidos de poetas que com raiva de seu amor platônico criavam para suas amadas personalidades pérfidas e cruéis que representavam a sua dor e desprezo.

**Palavras-chave:** Deusa; Bruxas; Magia.

**Abstract:** We intend here, to show which of the characters from Greco - Roman mythology and literature has influenced the most the construction of the witch stereotype in the middle ages and which was the crucial point to turn goddesses and poetic figures into witches. Oftentimes, these women were the resemblance of all that men feared the most. They were feminine figures that did not let themselves be subjugated by the standards of the local society, or they were unrequited loves from poets that, enraged by their platonic love, created for their beloved ones cruel and treacherous personalities to represent their pain and contempt.

**Keywords:** Goddess; Witches; Magic.

## **Introdução**

A humanidade, desde seus primeiros séculos de existência, utilizava da natureza – plantas e ervas –, para curar ou prevenir doenças. Essas poderiam ser desde as mais simples, como dores estomacais, ou, até mesmo, dores mais agudas, como dores de dente e de ouvido. Isso sem falar dos inúmeros métodos conceptivos, abortivos e anestésicos.

A partir do período neolítico começou a se formar uma nova divisão de tarefas dentro do agrupamento humano. Essa nova organização de funções começou a delegar à mulher o dever de cuidar da prole e do preparo dos alimentos. Assim, a mulher, devido ao seu contato mais intenso com os filhos e com o cultivo de plantas para a alimentação, começou a perceber que as plantas não serviam somente para a nutrição de seus corpos, mas também como alívio para seus males. Apesar desse conhecimento ser considerado algo bom, com o passar dos séculos a mulher, que, em sua maioria, era a detentora do conhecimento popular sobre o uso de plantas e ervas, foi, aos poucos sendo considerada um ser perigoso devido ao conhecimento que possuía.

A Idade Média foi erroneamente acusada de fomentar a inferioridade feminina. Não que isso seja de todo incorreto, mas a partir de uma análise mais apurada desse período podemos perceber que as raízes da misoginia presente no medievo foram geradas pela cultura grega e romana, sendo reforçada ao passar dos tempos até chegar no século XIII. Nesse período o pensamento misógino medieval ganhou uma nova ressignificação cristã, que alcançou seu ponto máximo no século XV, com a Inquisição. Esse evento condenou milhares de mulheres para as fogueiras do tribunal do Santo Ofício por acusação de feitiçaria e bruxaria.

## **Deusas e figuras literárias que influenciaram a construção da feitiçaria**

Russel e Alexander nos explicam, em *A História da Feitiçaria: feiticeiros, hereges e pagãos* (2008), que as culturas gregas, romana e hebraica influenciaram muito sobre a visão do que seria uma bruxa na Europa. Eles nos

mostram que ocorreu uma associação da feitiçaria não demonolátrica com a ideia de espíritos malignos advindos das religiões do Oriente próximo.

Desde os tempos antigos, as religiões deste período tinham por hábito associarem a figura feminina a questões malignas. Os babilônicos e sumérios foram muito crentes na ideia de demônios que eram representados, muitas vezes, em corpos femininos. Enquanto que a literatura grega e romana também reforçou a ideia da mulher como seres terríveis, invejosos, libertinos e desobedientes. Sobre isso, Silva afirma, em seu artigo *A imagem da mulher feiticeira como expressão da diferença de gênero em Roma: os poemas de Horácio e Ovídio* (2007), que as literaturas gregas e romanas tiveram influências consideráveis para a formação do estereótipo da bruxa clássica dos séculos XIV e XV. A autora menciona:

É importante notarmos que a imagem da feiticeira velha, má, vestida de negro, com os cabelos desgrenhados e unhas compridas é comumente aceita como uma criação da literatura cristã medieval. Porém, mais uma vez podemos notar as influências da cultura romana no pensamento Ocidental, sendo tal estereótipo nada mais que uma criação dos poetas latinos (SILVA, 2007).

Russell E Alexander (2008) apontam que o ato de subjugar e de colocar a mulher em um patamar inferior na sociedade existe desde o tempo das sociedades greco-romanas pré-cristãs e que isso, na visão dos autores, contribuiu para a formação da feiticeira/bruxa medieval:

[...] as tradições célticas e teutônicas fundiram-se com as da Grécia e Roma. A deusa romana Diana, por exemplo, combinou-se com as deusas teutônicas da fertilidade no início da Idade Média. [...] Diana foi identificada com Hecate, a lívida deusa trifronte da morte [...] Diana apareceu nos primórdios da crença medieval como condutora das procissões e ritos de bruxaria [...]. (RUSSELL; ALEXANDER, 2008, p. 35).

Em sua obra, Silva (2007) nos fala de duas personagens femininas: Canídia e Sagana. Não se sabe muito bem qual a origem de Canídia, mas há

rumores que poderia ser um amor mal correspondido de Horácio, ou apenas uma amiga que trabalhava com o fabrico de perfumes em Nápoles. O fato é que a descrição que Horácio fez da mulher é usada claramente na formação da imagem da bruxa/feiticeira na concepção medieval:

Com a velha Sagana uivando: Dava-lhe palidez hediondo aspecto: Entre a esgravatar o chão coas unha; rasgam c'os dentes negros cordeirinha; derramam sobre a cova o quente sangue, para ali os Manes atraídos, aos nefandos conjuros lhes respondam (HORÁCIO, *Sátiras*, I, VIII, *apud* SILVA, 2007, p. 5).

Canídia, de acordo com o poeta, era uma mulher que era considerada feiticeira, má e sanguinária, que representava em si toda a maldade que uma mulher poderia exibir. Acredita-se que ela tenha sido inspirada na lendária Medeia, que possuía a fama de nefasta na mitologia grega. No período de hibridização cultural entre esses dois povos, nada mais comum do que os poetas latinos se inspirarem nas lendas gregas para compor o seu estereótipo de mulher bela e sedutora que, possuidora dos segredos da natureza, era capaz de envenenar e matar até a mais inocente das criaturas por simples despeito, cobiça ou vingança.

Russel e Alexander (2008, p. 17) apontam que segundo a visão de Horácio, Canídia era uma mulher velha, descabelada, mau arrumada, com roupas sujas e descalça, que destroça cordeiros e cavar o chão com suas garras enormes, uiva para a lua e invoca deuses infernais. Já a personagem de nome Sagana seria uma espécie de feiticeira, pois detinha o poder da magia. O seu nome, ademais, poderia significar sábia ou feiticeira em latim.

Na literatura os romanos criaram personagens, buscaram inspirações e referências nas gregas Circe da Odisseia e Medeia da tragédia homônima de Eurípedes, e também se mostraram muito originais, podemos citar vários autores: Plínio, o Antigo, Horácio, Ovídio, Virgílio, Petrônio, Lucano, Filostrato, Sêneca e Apuleio. Destaca-se que a maioria dos romanos acreditavam ser tais práticas maléficas e orientais (SILVA, 2007, p. 3).

Outra figura que também é muito utilizada para a construção do imaginário coletivo da demonolatria da Idade Média é a deusa Hécate, patrona da magia greco-romana e que andava rodeadas de cães. Ela possuía o poder de olhar para o presente, o passado e o futuro ao mesmo tempo devido as suas três cabeças. Era detentora de saberes mágicos sobre a natureza e sempre estava rodeada por animais ferozes. Silva (2007) salienta que estes animais selvagens, companheiros da deusa, no período medieval foram substituídos por gatos negros, que, muitas vezes, eram vistos como o próprio demônio.

A deusa Diana também é muito associada à bruxaria/feitiçaria, isso por que ela é uma divindade caçadora e que tinha a permissão para não se casar (permissão concedida pelo seu pai). Seus cultos eram realizados em templos do meio das florestas, onde também se praticava o sacrifício de animais. Russell e Alexander (2008) nos esclarece que a figura de Diana como uma pessoa maléfica só existe no começo do medievo coma associação às deusas teutônicas. Essa Diana má, era a líder da Grande Caçada, uma procissão em que espíritos e espectros saiam destruindo os campos de alimentos.

Outra personagem feminina que teve forte influência na construção do estereótipo feminino demonolátrico foi Lilith, presente na cultura hebraica. Ela teria sido a primeira mulher criada no mundo junto com Adão no processo da criação do homem. Apesar de ser mais referenciada como de origem hebraica há também teorias que defendem sua origem síria. Como esclarece Russell e Alexander (2008), os sumérios e babilônicos acreditavam que a maioria dos deuses eram maus e perversos e, por isso, cada indivíduo possuía uma espécie de guardião pessoal que tinha por missão proteger contra toda essa gama de espíritos demoníacos. Dentre esses existia Ardat Lili ou simplesmente Lilitu que, segundo os autores, teria sido a fonte inspiradora para a criação de Lilith.

Lilitu era, na crença suméria e babilônica, um espírito essencialmente feminino, considerada fria em suas relações sexuais e não fecunda. Em sua representação imagética aparece como um ser com corpo feminino alado, que possui pés e mãos com garras e é sempre cercada por animais que a faz voar

rapidamente, soltando uivos sombrios em busca de homens para seduzi-los e beber seu sangue (RUSSELL; ALEXANDER, 2008, p.15). Segundo Párraga (2009, p. 233), as mulheres aladas e lascivas também aparecem na mitologia grega como arpías, que são as mulheres que possuem corpos de aves e garras afiadas e que sequestravam bebês recém-nascidos. A autora ainda nos fala que: "Tanto Ovídio (*Fastos*) como Petronio (*El satiricón*) nos las describen como fruto de la unión entre hombres y arpías, mujeres aladas con garras de rapaces que se alimentan de la carne y la sangre de los recién nacidos" (PÁRRAGA, 2009, p. 233).

Outra deusa que gostava de beber sangue humano de homens era Empusa. Segundo a crença ela era filha da deusa Hécate com Mormo<sup>1</sup>. Empusia<sup>2</sup> fazia parte da comitiva de Hécate e tinha o poder de ser transformar em belas figuras femininas para atrair os homens e ter relações sexuais com eles para tirar-lhes o sangue. Diante dessas informações, Párraga (2009) esclarece a história de Ardat Lili, Lilitu e Lilith foi o ponto de partida para a criação das figuras femininas sedutoras e sanguinárias das mitológicas gregas.

Na cultura hebraica Lilith foi a primeira companheira de Adão e, segundo o mito, possuía um comportamento rebelde, pois não aceitava se submeter às ordens de seu companheiro e no momento da cópula não aceitava ficar por baixo de Adão. Em razão desse seu comportamento insubordinado, ela resolveu sair do paraíso e não aceitou voltar para o lado de seu parceiro mesmo quando isso foi solicitado pelo próprio Deus.

Assim, Lilith foi transformada em um demônio e como consequência dos seus atos sofria abortos espontâneos diariamente. Laraia (1997, p. 152) menciona que era comum a crença que a sedutora mulher de cabelos longos saia à noite saia voando em sua coruja para roubar as crianças recém-

---

1

Um dos espíritos malignos que havia saído da caixa de Pandora.

2

Geralmente ela é representada como uma bela jovem de cabelos vermelhos, garras afiadas e que possui uma bata de bronze e a outra de burro. Saia geralmente a noite com Hécate e ainda poderia se transformar em outros seres vivos, como vaca, pássaros, etc.

nascidas<sup>3</sup>. Acreditava-se também que ela era capaz de copular com os homens enquanto eles dormiam, explicando assim as ereções masculinas.

Outra figura que podemos considerar como fundamental para a construção da bruxa/feiticeira no imaginário medieval é a emblemática figura de Medeia. Mito grego de longa data e reinterpretada nos teatros gregos é, sem sombra de dúvidas, a representação da mulher que não era bem aceita dentro da sociedade. De acordo com o mito grego, Medeia era uma bela jovem dotada de sabedoria sobre aos poderes mágicos da natureza e que se apaixonou por Jasão, por isso foi capaz de fazer tudo para ajudá-lo a executar as tarefas determinadas pelo rei, seu pai Aeestes, com a intenção de obter o Velocino de Ouro. Em nome desse amor, ela traiu seu pai e esquartejou o seu próprio irmão, Absyrto, afim de ajudar seu amado a escapar da ira de Aeestes. No meio da fuga, na tentativa mais uma vez de ajudar Jasão, Medeia enganou as filhas do rei Pélias, fazendo-as acreditar que matando o próprio pai, o rei velho rejuvenesceria. Mais uma vez, Medeia comete um crime em nome de seu amor. Mas, após conseguir tudo que queria, Jasão abandonou Medeia para se casar com outra donzela. A ira de Medeia é implacável. Ela manda seus filhos entregarem um vestido de noiva para a nova amada de Jasão, ao vestir a roupa a jovem é morta por envenenamento e, por consequência, o rei, seu pai, que na tentativa de arrancar o vestido envenenado da filha e salva-la, também acabou morrendo.

Segundo Cândido (2001), temos duas versões para o ápice da vingança de Medeia: uma nos aponta que os filhos de Medeia e Jasão foram mortos pela população de Corintos. Ela teria uma culpa indireta, pois sabia que isso poderia acontecer e mesmo assim pede para que eles levem o presente. A outra versão, a de Eurípedes, faz uma menção de que fora a própria Medeia que teria matado os seus filhos para mostrar para Jasão o tamanho de seu ódio e desprezo por ele, pois sabia que acabando com seus filhos ela estaria, também, prejudicando

3

Segundo Laraia (1997, p 152) acreditava-se que devido o castigo divino que foi lançado contra Liliith ela gestava o feto, mas os perdia todas as noites pois nasciam mortos, então ela roubava os bebês de suas mães para suprir sua carência maternal. Essa lenda acabava por explicar as mortes súbitas dos recém-nascidos.

com Jasão. Constrói-se, assim, a imagem de uma mulher que vai contra o que a sociedade ateniense esperava de suas mulheres. Medeia era esperta, sabia ser eloquente com as palavras, não seguia o padrão comportamental esperado das boas moças, era rebelde e vingativa. Além do mais, segundo Eurípedes, era uma mulher extremamente cruel, afinal matou os seus próprios filhos por vingança.

O mito de Medeia sofreu algumas adaptações ao longo do tempo, mas a história de Eurípedes é o que a torna uma mulher desprezível por matar sua própria prole em nome de um amor e ódio desmedido. O mito, ao longo do tempo e com as readaptações que sofreu, foi tornando Medeia cada vez mais terrível. Ela se transformou na mulher que não aceita se casar, que não aceita acatar ordens de nenhum homem, que não quer ter filhos, que quer andar livre, sem pouso, com armas na mão e que, além de tudo, ainda conhece os segredos mágicos da natureza. Essa mulher é um perigo para a sociedade. Ela é subversiva e ameaça o bem-estar social.

Se pararmos para analisar, a bruxa no século XV possui todas essas mesmas características. De tal modo, podemos perceber que todas essas figuras femininas presentes em histórias e mitos do Oriente Próximo e do Mundo Greco-romano contribuíram para a formação das características da bruxa/feiticeira medieval, assim como também serviram para a construção do culto demonolátrico, tão importante para a ideia de confirmação do avanço do Diabo na Idade Média que justificou a necessidade da Inquisição.

### **Magia e feitiçaria na Idade Média**

A magia muito se relaciona com a feitiçaria, portanto para entendermos a esta última é necessário, primeiro, compreendermos um pouco sobre magia. Desde a Antiguidade a magia não era considerada uma religião, uma filosofia, nem uma ciência, no entanto, esteve sempre ligada a elas. A presença da magia desde a Antiguidade esteve relacionada com a coletividade. A palavra magia tanto em grego como em latim é utilizada como uma forma de praticar uma relação com o sobrenatural.



Na Antiguidade a magia se ajustava à sociedade, uma vez que os deuses, os homens, os planetas, os animais, os elementos naturais se associavam de maneira muito concreta e de forma muito especial. Neste contexto a magia se relacionava com o fato de algumas pessoas, por serem especiais ou acreditarem-se como tal, atuavam sobre os deuses ou eram comandadas por eles.

Quando o cristianismo se tornou a religião oficial do Império Romano, a magia passou a ser considerada contrária aos cultos da nova religião. A princípio a igreja cristã se posicionou de forma cética perante a magia, colocando em dúvida a sua veracidade. Porém, a magia estava muito ligada com as práticas pagãs da Antiguidade e o cristianismo não aceitava essas “superstições”. Os cristãos, então, passaram a se preocupar com estas práticas e as consideraram uma verdadeira prática obscura que atentava contra os ditames da Igreja cristã.

Para legitimar esta condenação, os teólogos da Igreja procuraram delimitar os efeitos da magia e o seu campo de ação. A magia, algo tão natural dentro do imaginário greco-romano, passou a ser considerada manifestação do mal. Assim, a imagem que vai se propagar por toda a Idade Média é a da magia como um pacto. Este pacto não era entendido somente no sentido contratual, mas também no sentido de uma submissão. O demônio seria o senhor e os magos seus servos, que deveriam servi-lo incondicionalmente.

A ideia de feitiçaria é basicamente a mesma em todos os locais do mundo. Suas características gerais são sempre bastante semelhantes. Entretanto, algumas especificidades mudam de sociedade para sociedade. Um dos primeiros estudos sobre a feitiçaria foi realizado pelo antropólogo E. E. Evans-Pritchard (2005), que estudou a tribo dos Azandes do Sudão meridional, na África. Os habitantes dessa tribo diferenciavam a magia em três tipos: a primeira era a magia boa que incluía oráculos, adivinhações, ritos para obtenção de fertilidade das colheitas; a segunda era a feitiçaria, que geralmente se utilizava de materiais e fórmulas para se atingir aqueles que se odiava ou que queria vingar-se, e, por isso, era condenada pela sociedade Azande; a terceira o

autor chama de “bruxaria”, e era considerado um poder herdado do pai ou da mãe, que se localizava no estômago do bruxo ou da bruxa. Segundo o autor, os bruxos Azande praticavam magia maléfica.

A existência de uma religião universal de bruxaria é muito falha, já que não se tem provas concretas desta existência e deve se considera também o fato das grandes diferenças entre as sociedades em questão. A teoria baseada na herança arquetípica pode ser considerada plausível. É certo que a estrutura do cérebro humano é formada a partir de informações genéticas e a possibilidades das estruturas mentais também serem. Mas o número e os detalhes das semelhanças, no longo espaço de tempo e no longo espaço geográfico é realmente uma grande incógnita, “o quebra-cabeça permanece sem resolver” (RUSSELL; ALEXANDER 2008, p. 10). Segundo os mesmos autores, não se pode negar com certeza absoluta que não haja ligação nenhuma entre a noção de feitiçaria africana e a europeia. Mas muitos pontos de interrogação ainda estão carentes de explicação.

### **A feiticeira na Idade Média**

Por muito tempo durante a Idade Média a feiticeira foi considerada o único indivíduo que poderia ser consultado em caso de doenças, uma espécie de médico, podemos dizer. Se a feiticeira conseguisse salvar o doente era realmente um médico, mas caso o paciente não melhorasse ela passava a ser considerada uma bruxa. Michelet, em sua obra *A Feiticeira* (2003), faz a seguinte afirmação:

O único médico do povo, durante mil anos, foi à feiticeira. Imperadores, reis, papas e os mais ricos barões tinham alguns médicos de Salerno, mouros, judeus, mas a massa de qualquer Estado, e pode-se dizer da maioria das pessoas, só consultavam a *Parteira* ou *Saga*. Se ela não curasse, injuriavam-na, chamavam-lhe de bruxa. Em geral, contudo, por respeito (a que se misturava receio), chamavam-lhe de Boa dama ou Bela dama (*Bella Donna*), o mesmo nome que davam às fadas. (MICHELET, 2003, p. 13).

A feitiçaria baseia-se na ideia que o cosmo é um todo e que, por isso, existem ligações de estreita relação dentre os fenômenos naturais (RUSSEL; ALEXANDER, 2008), e por meio destas relações o praticante da feitiçaria tenta produzir resultados práticos que desejasse.

A feitiçaria mais simples consistia em desempenhar formas materiais e ações físicas para se produzirem outra, como, por exemplo, atar um nó em uma corda e a colocar em baixo da cama para causar impotência, ou então consumir atos sexuais em meio a campos e plantações para aumentar a colheita. O que se pode observar nestes dois exemplos é que a feitiçaria também está muito relacionada com a fertilidade, em ambos os exemplos o ato sexual aparece. Esta relação com a fertilidade vai ainda mais além, pois a prática da feitiçaria está muito relacionada com o lado passional. Nogueira (1991, p. 27) menciona que “o mundo da feitiçaria é o mundo do desejo, do desejo eminentemente passional, que tudo se sobrepõe para conseguir uma resposta para uma paixão não correspondida ou proibida”.

Juntamente com o caráter passional está ligado o caráter emocional. Por exemplo, em estado de ira uma pessoa deseja que seu pai morra e simula um golpe com o travesseiro para deixá-lo sem ar, no outro dia, no entanto seu pai aparece morto. Pode ocorrer também na forma de pensamentos inconscientes, sonho ou visão. Entretanto, acredita-se que a feitiçaria, desta forma, pode ser verídica para aqueles que nela acreditam (RUSSEL, 1993).

As características mais comuns dentro dos grupos de feitiçaria eram: uso de unguentos e poções que resultam em “remédios”, perfumes ou venenos; o preparo de materiais para fins de realizar desejos; a prática de ler visões e sonhos; geralmente eram mulheres, e quase sempre idosas; o uso de amuletos, conjuros e fórmulas; o uso de um forno, uma espécie de gruta que representava o ventre, portanto colocar crianças dentro e retirá-las posteriormente simbolizava o renascimento (este simbolismo era muito importante para a manutenção do sistema de ocultismo que usavam); causar tempestades, mortes ou doenças de animais ou produzir impotência.

Algumas dessas características podem ser questionadas, pois muitos dos relatos sobre o tema foram escritos aos olhos de quem via a feitiçaria como uma heresia, como um ato proibido e por isso podem ter atribuído características que na verdade só existiam no imaginário e não na realidade. Outra característica marcante da feitiçaria é o caráter urbano da mesma. Para o desenvolvimento da feitiçaria foi necessário a reurbanização do Ocidente europeu, por ser um local privilegiado por muitas relações de ódio e rancor, mas não descartando a ideia de uma feitiçaria rural, que também ocorria, mas com uma menor frequência.

### **Diferença entre Feitiçaria e Bruxaria: a ascensão do Diabo**

Traçar a diferença entre a feitiçaria e a bruxaria na Idade Média não é uma tarefa muito fácil, principalmente porque elas foram gradualmente transformadas em apenas uma única prática e adquiriram um caráter demoníaco que a princípio não existia.

Na obra intitulada *História da feitiçaria* (1993), Russel, de modo geral, pontua que ao contrário do que se pensa no senso comum, a feitiçaria é algo muito mais antiga e que já existia na cultura mundial muito antes da ideia de bruxas, mas que esteve sempre associada à figura demoníaca. De maneira geral, essa representação da figura feminina compactuam-te com o Diabo se deu no pensamento ocidental cristão no qual foi cunhada de maneira que acabou distorcendo e demonizando uma figura que, em princípio, não tinha nada de diabólico, e, muito pelo contrário, em sociedades antigas, os(as) feiticeiros(as) eram grandes personagens de determinadas sociedades, tanto nas africanas, tanto quanto nas sociedade greco-romanas, onde as feiticeiras tinham um certo "status" por dominarem a arte de fabricar venenos tão usados.

Durante o período do Império Romano, essas mesmas mulheres trabalhavam mais com a produção de venenos e perfumes. Mas sua fama se espalhou mais pelos venenos do que pelas fragrâncias. Não podemos deixar de mencionar, assim como saliente Russel (1993), que a feitiçaria na Europa setentrional era parecida com a feitiçaria praticada pelo resto do mundo, isso referente à Idade do Bronze, muito associada às com as forças da natureza,

criando assim uma natureza de folclore regional oriundo das religiões pagãs pré-cristã na Europa.

O historiador Carlo Ginzburg, em sua obra *Os andarilhos do Bem* (2010), nos conta um fato extraído de suas vastas pesquisas nos documentos inquisitórios do século XVI, ocorrido na cidade de Friuli<sup>4</sup>, o caso dos Benadantes, que eram considerados feiticeiros. Ginzburg (2010) nos mostra como o caso da cidade que possuía um culto de caráter agrário de fertilidade, remanescente de suas origens pagãs, passou a ser considerado, pelo processo de cristianização e o fortalecimento do Tribunal do Santo Ofício, como um culto diabólico. O culto, em sua essência, nada mais era do que a crença de um grupo de pessoas que acreditava ter controle sobre os poderes da natureza, sendo capazes de evitar o mal lançado nos campos cultivados, causado, supostamente, por um grupo inimigo.

Russell (1993) comunga da ideia de Ginzburg (2010), como fica claro na seguinte passagem: "[...] O feitiço ilustra a sobrevivência de elementos pagãos muito depois da extinção do paganismo [...]" (RUSSELL, 1993. p. 32). O autor também deixa claro que a feitiçaria nos primeiros séculos do medievo não possuía caráter diabólico.

A grande parte dos historiadores da área são taxativos ao afirmarem que a associação da feitiçaria à demonolatria vai ocorrendo aos poucos com a “crise” que se abateu na Europa a partir dos séculos XIV e XV. A personalidade do povo medieval era muito temerária, devido à falta de tecnologias mais avançadas para explicar aquilo que eles não compreendiam tudo passou a ser associado às questões religiosas. Se for algo bom, era graças a Deus, se fosse algo negativo era relacionado ao inimigo maior da cristandade, o Diabo. Este, como bem defende Muchembled (2001), foi um personagem criado com o desenvolvimento do cristianismo e com os seus aliados civis. Muchembled (2001. p. 18) profere:

---

4

Situada na região do extremo nordeste italiano. Região limítrofe com Áustria e a Eslovênia e possui características marcantes da cultura dos povos eslavos e germânicos, e possui sua região costeira voltada para o mar Adriático.

A invenção do diabo e do inferno com base em um modelo radicalmente original não é simplesmente um fenômeno religioso de grande importância. Ela marca o nascimento de uma concepção unificadora, compartilhada pelo papado e pelos grandes reinos[...]. O sistema de pensamento que elaborava uma imagem triunfante de Satã assinala um enorme impulso de vitalidade no Ocidente.

Como todo herói precisa de um arqui-inimigo, a imagem do Diabo foi criada com base naquilo que os cristãos mais temiam: o abandono de Deus, pelo excesso de pecado.

Jean Delumeau, em sua obra *História do medo no Ocidente* (2009), explica como que essa atmosfera de medo acabou criando bodes expiatórios durante a Idade Média. O maior representante era o Diabo, enquanto que os outros eram os "agentes de Satã", que eram representados por todos os grupos da sociedade que a religião predominante mais rejeitava, como os judeus, os mouros, os idólatras, os leprosos, as mulheres que praticavam ações "estranhas". Todos esses tiveram um papel importante na construção da personalidade do Diabo, mas foi, sobretudo, encima dos judeus e dos muçulmanos que se construiu a imagem do diabo. Os chifres, as patas de bode e todo o resto da imagem do inimigo maior de Deus foi retirado do estereótipo criado pelos cristãos para inferiorizar judeus e mouros. O autor ainda salienta que foi a partir do século XIV que o Diabo teve a sua imagem mais reforçada e seu poder aumentado:

Essa obsessão ganha duas formas essenciais, ambas refletidas pela iconografia: um alucinante conjunto de imagens infernais e a ideia fixa das incontáveis armadilhas e tentações que o grande sedutor não cessa de inventar para perder os humanos [...] (DELUMEAU, 2009, p. 355).

É graças a essa ascensão de Satã que a figura da feiticeira passa a ser considerada uma figura feminina, sedutora e detentora de poderes mágicos. Poderes esses que só foram concedidos a ela porque ela fez um pacto com o diabo.

Com o desenvolvimento da demonolatria na Europa e a divulgação da existência do Sabá<sup>5</sup>, as feiticeiras que eram toleradas e até mesmo procuradas, assim como também as parteiras e todas as mulheres velhas e sozinhas, jovens e belas, casadas, mas não mães, ou qualquer outro tipo de mulher que não estivesse dentro do padrão social estipulado pela religião regente, foram consideradas bruxas.

Podemos, então, concluir, mediante todas as análises apresentadas aqui, que a feitiçaria seja algo que existe do imaginário coletivo da humanidade. Parece-nos que o homem, em qualquer local do mundo, sempre teve essa necessidade de acreditar que havia algo maior do que ele, e que alguns homens eram capazes de dominar essas forças da natureza como foi exposto por Evans-Pritchard (2005). Eles creem ainda que os feiticeiros podem fazê-los adoecer por meio da execução de ritos mágicos que envolvem drogas maléficas" (EVANS-PRITCHARD, 2005. p. 33). Na Idade Média, com o desenvolvimento do cristianismo e o medo eminente de tudo aquilo que eles não podiam explicar, se formou um ambiente propício para a internalização de personagens malignos aliados ao diabo. Assim, na batalha entre o bem e o mal, sua função era fazer o homem ser condenado por meio dos pecados da carne. Para tal objetivo, a bruxa possuía um papel fundamental, qual seja, o de seduzir, encantar e profanar os símbolos sagrados da cristandade para angariar as almas que a princípio eram de Deus.

### **Conclusão**

O medievo foi um período em que o homem era imbuído de muita religiosidade e crendices populares. A figura da bruxa foi aos poucos ganhando mais destaque nas lendas populares a medida que a população passou a

---

5

Conclave de pessoas que compactuavam como diabo. Essas reuniões eram feitas sempre a noite, em locais escondidos no meio das florestas aonde os participantes chegavam voando em objetos encantados, profanavam cruzeiros e hóstias, praticavam orgias sexuais de todas as formas e também praticavam infanticídio. E as iniciantes negavam a existência de Deus e selavam o pacto com o demônio com a cópula demônio com a cópula de algum animal (RUSSELL, 1993).

acreditar mais piamente na chegada do fim do mundo e no poder maior que o diabo passou a ter sobre as pessoas. A bruxa no século XV passou a representar o instrumento de maior poder do diabo para com os homens. Essa mulher que através de um pacto passava a negar todos os princípios cristão e profanava os símbolos máximos da cristandade tinha como características mais expressivas a beleza sedutora, a personalidade cruel, vingativa, invejosa e a ira descontrolada. Todas essas características já eram recorrentes na mitologia grega em suas deusas e nas musas da literatura romanas. Percebemos que o estereótipo da bruxa medieval foi um processo de adaptação longo e com pontos específicos do período medieval, mas é notório a importância que as figuras femininas mitológicas e literárias das sociedades clássicas ganharam, dentro do imaginário religioso cristão. Podemos perceber que as mulheres citadas nos poemas romanos e nas lendas gregas nada mais eram do que a representação de mulheres reais que não aceitavam as diretrizes sociais impostas a elas. As mulheres citadas em poemas e que depois foi transformada na personificação do mal eram ao nosso ver, aquelas mulheres que não se dobravam as vontades masculinas e nem correspondiam ao amor lançados a elas e por isso acabavam sendo representadas com tudo de pior que uma pessoa pode-se representar.

### **Sobre a autora**

Cícera Leyllyany Müller é graduada em História pela Faculdade Saberes (Vitória, Es) tem como linha de pesquisa História medieval com enfoque nas questões relacionadas a marginalidade, exclusão e sexualidade na Europa ocidental cristã no século XIII. E-mail: [cissal.muller@gmail.com](mailto:cissal.muller@gmail.com)

### **Referências bibliográficas**

CÂNDIDO, M. R. O Saber mágico de Medeia. *Mirabilia*, n. 1, 2001, p. 39-47. Disponível



em:<<http://www.raco.cat/index.php/Mirabilia/article/view/283712/371641>>. Acesso em: 13 de jun. 2017.

EVANS-PRITCHARD, E. E. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azandes*. Traduzido por Eduardo Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GINZBURG, C. *Os andarilhos do Bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*. Tradução por Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia de bolso, 2010.

LARAIA, R. B. *Jardim do Éden revisitado*. Rev. Antropol., vol. 40, n. 1, São Paulo, 1997. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77011997000100005&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77011997000100005&script=sci_arttext)>. Acesso em: 26 de mai. 2017.

MICHELET, J. *A feiticeira*. Traduzido por Ana Moura. São Paulo: Aquariana, 2003.

MUCHEMBLED, R. Satã entra em cena: séculos XII-XV. In.:\_\_\_\_\_. *Uma História do Diabo: séculos XII-XX*. Tradução por Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001. p. 17-50.

NOGUEIRA, C. R. F. *Bruxaria e história: as práticas mágicas no ocidente cristão*. São Paulo: Ática, 1991.

PÁRRAGA, E. G. Lilith en el arte decimonónico. Estudio del mito de la femme fatale. Signa, Espanha, v. 18, 2009, p. 229-249.

RUSSELL, J. B. *História da Feitiçaria: Feiticeiros, hereges e pagãos*. Tradução de Álvaro de Cabral. Rio de Janeiro: Campus, 1993.

RUSSELL, J. B.; ALEXANDER, B. *História da Feitiçaria: feiticeiros, hereges e pagãos*. Tradução de Álvaro de Cabral. Rio de Janeiro: Campus, 2008.

SILVA, S. C. *A imagem da mulher feiticeira como expressão da diferença de gênero em Roma: os poemas de Horácio e Ovídio*. Kepsidra, 2007. Disponível em:<<http://www.klepsidra.net/klepsidra27/feiticaria.htm>>. Acesso em: 25 de mai. 2017.